

A CONSTRUÇÃO DE UMA CARTOGRAFIA TRANSCULTURAL NO ESPAÇO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MOISÉS DE LÉMOS MARTINS¹

É necessário que não haja autoridade paterna dos padrões lusitanos. A lusofonia não será pátria, porque não será um espaço de poder ou de autoridade. Será mátria e será frátria, porque deve ser o espaço dos iguais, dos que têm a mesma origem.

José Luiz Fiorin

Introdução

A proposta que aqui apresento prende-se com uma travessia tecnológica transcultural a empreender pelos países de língua portuguesa². Podemos fazê-la através do livro (por exemplo, fazendo a análise de manuais escolares de História), da fotografia de viagens, do cinema, de repositórios digitais e de museus virtuais³. Uma tal travessia tem grandes virtualidades, e entre elas, podemos dizer

¹ Trabalho desenvolvido no contexto do projeto plurianual do CECS, apoiado pela FCT (UIDB/00736/2020).

² A figura de travessia, associada à ideia de uma viagem perigosa, dado que não controlada (enigmática, labiríntica, incerta e arriscada), tomo-a de João Guimarães Rosa, no romance *O Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1956. Utilizo a edição brasileira da Editora Nova Fronteira (Rio de Janeiro) de 2001. A viagem perigosa de que trata este romance é a vida. “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p. 51).

³ É neste exato sentido que está a ser desenvolvido, desde 2018, na Universidade do Minho, no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), com parceiros moçambicanos, o projeto da Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Aga Khan Development Network, “CulturesPast&Present - Memorics, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?”. Site: <http://www.lasics.uminho.pt/culturespastandpresent/?lang=pt>

que concorre para o interconhecimento e para a cooperação, científica, cultural e artística, no espaço dos países de língua portuguesa, encarados como espaços híbridos, marcados não apenas pelo passado colonial, mas também por fluxos de migração e viagens, acordos linguísticos e outras formas de colaboração, aos mais diversos níveis (BRITO & MARTINS, 2004; CORTE-Real & BRITO; 2006; BRITO, 2004). O sentido de uma proposta científica desta natureza decorre do facto de ela se inscrever no contexto dos estudos pós-coloniais, defendendo como pressuposto o objetivo geral de fazer do português uma língua de ciência, em espaços marcados pelo passado colonial, mas também pelas condições tecnológicas, culturais e políticas da contemporaneidade.

A proposta de uma travessia tecnológica transcultural, a empreender pelos países de língua portuguesa, pelas suas diásporas e por regiões como Galiza, Goa e Macau, tem no Museu Virtual da Lusofonia, inaugurado pela Universidade do Minho, em novembro de 2017 [<http://www.museuvirtualdalusofonia.com/>], e instalado no *Google Arts and Culture* [<https://artsandculture.google.com/partner/virtual-museum-of-lusophony>], em setembro 2020, a concretização dos seus objetivos estratégicos, científicos, culturais e artísticos.

A experiência contemporânea por excelência é a da travessia tecnológica, e especificamente a experiência das tecnologias da comunicação e da informação. Por um lado, a sociedade tornou-se de “comunicação generalizada” (VATTIMO, 1991, p. 12). E numa sociedade assim, o humano passou a estar mobilizado nas suas práticas, políticas, económicas, sociais, culturais e artísticas, por toda a espécie de tecnologias da informação e da comunicação. Não apenas pelo livro, a fotografia, o cinema e o vídeo, mas também por plataformas móveis de comunicação, informação e lazer; por novas formas de interação social, como sites, portais eletrónicos, repositórios digitais e museus virtuais; e por modelos emergentes de interação social, como é o caso das aplicações tecnológicas. Neste contexto tecnológico, que favorece as migrações, assim como as viagens transcontinentais, que sendo cada vez mais rápidas, são mais aéreas que marítimas, e que multiplica as trocas de informação, num contexto que é pós-colonial, tem sentido falarmos de identidades transnacionais e transculturais (MARTINS, 2019, 2018a, 2018b, 2018c).

Ser lusófono assinala, com efeito, hoje, uma condição transcultural, transnacional e transatlântica, acompanhada pelo desenvolvimento de imaginários híbridos, de visões plurais, e por vezes de representações conflituais do passado, e mesmo de representações dinâmicas do outro. Tendo em atenção as suas múltiplas diferenças – territoriais, culturais e artísticas – as comunidades nacionais de língua portuguesa, constituem espaços híbridos, policentrados, hierarquizados, assimétricos, espaços que encerram uma diversidade assinalável de narrativas, histórias e memórias, que são objeto de desconhecimento das próprias comunidades entre si, por todo o espaço lusófono.

E no atual contexto de travessia tecnológica lusófona, é hoje possível compreender, mais do que no passado, as representações sociais que nos países de língua portuguesa se vão produzindo de uns sobre os outros⁴. Vejamos o caso do projeto de investigação FCT/Aga Khan, “CulturesPast&Present - Memories, Cultures and Identities”, em curso na Universidade do Minho, desde 2018, com investigadores portugueses, do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), e investigadores de várias universidades moçambicanas, entre as quais a Universidade Eduardo Mondlane e a Universidade Politécnica, ambas em Maputo, e a Universidade Zambeze, na cidade da Beira. Neste projeto de investigação privilegiámos duas esferas principais da sociedade destes dois países, Portugal e Moçambique. Por um lado, interrogamos o sistema educacional e a comunidade científica, analisando manuais escolares de história e repositórios digitais de ciência aberta, especificamente dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Por outro lado, temos atendido a produções culturais e artísticas, tais como coleções de museus virtuais, fotografia de viagens e cinema, explorando representações do outro, tão plurais quanto dinâmicas, que contribuem para a circulação de narrativas e exprimem a diversidade cultural e as representações do outro, no passado, no presente e no futuro⁵.

Com o estudo das travessias tecnológicas e transculturais nos países de língua portuguesa, nas suas diásporas, assim como em regiões como a Galiza, Goa e Macau, visamos, ainda, dar voz a estudantes destas comunidades, que mudam, temporária ou permanentemente, de território, seja por razões económicas, de lazer ou académicas, promovendo grupos focais em que se reflita, reinterprete e recree narrativas, passadas e presentes, que expressem a hibrididade destas culturas.

Reconhecemos na defesa do espaço lusófono e do português como língua de ciência um ponto de partida importante para o enquadramento do nosso ponto de vista. Num mundo globalizado pelas tecnologias da informação e da comunicação, o espaço transcultural e transnacional das comunidades que falam português não pode deixar de se confrontar com um comum desafio estratégico, dado que estas comunidades partilham, hoje, pelo menos uma subalternidade, da língua, sendo em permanência empurradas para a periferia da globalização hegemónica, um espaço falado numa única língua, o inglês.

Esta comum condição de subalternidade política dos países de língua portuguesa, que se exprime pela comum condição de subalternidade da sua língua, culturas e conhecimento, inspira, em boa medida, a força reativa do já

⁴ Veja-se, neste sentido, por exemplo, a tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, que Carlos Fino defendeu, em 2019, na Universidade do Minho, intitulada *Raízes do estranhamento: A (in)comunicação Portugal-Brasil* (Fino, 2019).

⁵ No quadro deste projeto FCT/Aga Khan, assinalo a publicação do número da *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies*, em dezembro de 2020, consagrada a “Museus, coleções e exposições, coloniais, anticoloniais e pós-coloniais” (MARTINS, SARMENTO & COSTA, 2020).

referido Museu Virtual da Lusofonia, que foi convertido em Unidade Cultural da Universidade do Minho em 2021, exprimindo, a partir de então, os interesses estratégicos permanentes da Universidade para o espaço lusófono, em termos científicos, culturais e artísticos. Inscrevendo-se no mesmo combate simbólico pela afirmação da identidade transcultural e transnacional lusófona, à escala global, estão igualmente projetos de investigação como "Cultures Past & Present - Memories, cultures and identities", o projeto FCT/Aga Khan já assinalado, que visam aprofundar as narrativas culturais, artísticas, tecnológicas e científicas, que são tão determinantes quanto determinadas pela relação histórica entre Portugal e os países lusófonos outrora colonizados. Ao analisá-las, o nosso propósito é o de promover o interconhecimento dos povos que têm o português como língua oficial, desconstruindo representações hegemónicas e disseminando visões plurais do passado, neste espaço híbrido, conflitual, e em permanente transformação, que é o espaço lusófono.

1. A globalização e as tecnologias da informação e da comunicação

Foi o regime literário que produziu o Ocidente. O regime literário é um regime analógico. Fundado no *logos*, que é palavra e pensamento, tudo remete para a unidade. No nosso tempo, todavia, o regime literário perdeu centralidade. Hoje, a cultura tem uma predominância tecnológica, é numérica e nela dominam as imagens digitais (MARTINS, 2011b; MARTINS, et al., 2011), sendo através deste processo de mediação que se exprime, cada vez mais, a vida contemporânea. Com a mobilização tecnológica do humano, houve uma expansão da experiência, com novos territórios, paisagens, atmosferas, ambientes, o que levou as comunidades humanas a "circum-navegar" sites, portais, blogues, videojogos, aplicações, repositórios digitais, museus virtuais, e também realidades virtuais implantadas em ambientes imersivos⁶. Um tal processo teve como consequência a multiplicação dos conteúdos e a convergência de formatos, plataformas informáticas e linguagens, tendo-nos conduzido a novos conhecimentos (MARTINS, 2012).

Dado este movimento de aparelhamento tecnológico da cultura e a expansão da experiência humana, que abre também a possibilidade de novas narrativas sobre o humano, podemos falar de uma galáxia de novos fluxos, ressonâncias, ritmos, cadências, sonoridades, durações, vibrações, que permitem a abertura das comunidades humanas à configuração de novas possibilidades de

⁶ A figura da circum-navegação, associada à ideia de uma viagem tecnológica, é desenvolvida, originalmente, na tese de doutoramento de Stéphane Hugon, defendida em 2007, na Sorbonne, com o título, *Circumnavigations, la construction sociale de l'identité en ligne*. Esta tese foi publicada em 2010, mantendo a figura da circum-navegação no título: *Circumnavigations. L'Imaginaire du voyage dans l'expérience Internet*. Colocando-se do ponto de vista de "uma sociologia dos espaços eletrónicos", Hugon interroga, entre outros aspetos, "uma cultura da deambulação", "uma genealogia da deriva", "o que significa habitar", "o que é uma paisagem" e, ainda, "a dinâmica comunitária".

futuro. A essas novas narrativas damos-lhe o nome de narrativas transmediáticas, por se apoiarem na convergência dos média digitais (MARTINS, 2020). As atuais circunstâncias são as de um mundo mobilizado nas suas práticas por toda a espécie de tecnologias, sobretudo por plataformas móveis de comunicação, informação e lazer (de entre elas, *iPads*, *tablets* e *smartphones*), por novas formas de interação social (designadamente, redes sociotécnicas, como o Twitter, o Facebook, o Instagram e o LinkedIn) e por modelos emergentes de interação (por exemplo, aplicações e videojogos).

Na circum-navegação clássica houve o sextante, o astrolábio, a esfera armilar e a balestilha. E havia as estrelas, para nos conduzirem na noite. Na tradição ocidental, houve mesmo uma estrela que nascendo a Oriente conduziu o Ocidente por mais de 2000 anos (MARTINS, 2011a, 2015a, 2017, 2018a). Deixámos, entretanto, de olhar para as estrelas e passámos a olhar para os ecrãs, como assinala Paul Virilio (2001, p. 135). Ou seja, da história de sentido em que se inscreviam as estrelas, o Ocidente abriu caminho para os ecrãs (MARTINS, 2011a).

São, hoje, então, desafios para a travessia tecnológica, os ambientes tecnológicos, que concretizam as práticas dos profissionais do novo contexto digital, particularmente *web designers*, curadores online, gestores de museus virtuais, *bloggers*, ativistas da *web*, *youtubers*, *influencers*... E também constituem atmosferas tecnológicas, desafiadoras para a travessia a empreender, a proteção e a segurança dos conteúdos culturais digitais, assim como a comunicação desses conteúdos (MARTINS, 2017, p. 27).

A circum-navegação tecnológica que entrevejo para todos os países de língua portuguesa, assim como para as suas diásporas, constitui-se como um combate pela ordenação simbólica do mundo (BOURDIEU, 1977, 1979, 1982), através de redes transculturais e transnacionais de conhecimento, onde se colocam os problemas do inglês como língua e cultura hegemónicas e de subordinação, política, científica, cultural e artística, de todas as outras línguas e culturas.

Utilizando *sites*, portais, redes sociais, repositórios e arquivos digitais, e ainda, museus virtuais, o ponto de vista que adoto para a travessia tecnológica é o de que uma grande língua de culturas e de pensamento, como é o caso da língua portuguesa, não pode deixar de ser, igualmente, uma grande língua de conhecimento, humano e científico. Tomando a viagem quincentista e seiscentista como metáfora da viagem de uma circum-navegação tecnológica, que é hoje possível empreender através dos países de língua oficial portuguesa e das suas diásporas, tenho em vista o interconhecimento e a cooperação, científica, cultural, artística e cívica.

A expansão europeia é explicada por significativos desenvolvimentos na Matemática, na Física e na Astronomia, a que se juntou o desenvolvimento da Cartografia e das Ciências Náuticas. Foram eles que tornaram possíveis os avanços na arte de marear, levando os europeus à Índia e às Américas e

permitindo-lhes, desse modo, a circum-navegação marítima do planeta (CARVALHO, 1981; LEITÃO, 2009; LEITÃO & GASPAR, 2014a; LEITÃO & GASPAR, 2014b; LEITÃO & SÁNCHEZ, 2017).

Hoje, os historiadores concordam que as novas rotas marítimas e o comércio monopolista a ele associado tornaram possível o primeiro império global e, com ele, a primeira globalização (CROWLEY, 2015; PAGE, 2002; RUSSELL-WOOD, 1992). Mas a globalização atual é fundamentalmente uma realidade econômico-financeira, que tem como condição de possibilidade as tecnologias da informação e da comunicação. São elas que permitem a conexão das principais bolsas financeiras mundiais e tornam possível o mercado global. Mas à semelhança do que ocorreu com a globalização marítima e comercial, também a globalização na era da técnica significa grandes possibilidades para o desenvolvimento humano.

Com efeito, as tecnologias da comunicação e da informação, que compreendem as redes sociotécnicas, estão diretamente conectadas a uma sociedade que tem na informação e no conhecimento a sua força geradora. As redes disseminam informação e conhecimento: um site, um portal, um blogue, o Youtube, o Facebook, o Instagram, o Twitter têm essa dupla função, instrumental e cognitiva. Servindo as instituições, os negócios, as empresas e todo o tipo de organizações, as redes servem, sem dúvida, o desenvolvimento humano. Assim como servem também o desenvolvimento cívico, que é parte do desenvolvimento humano. Ao favorecerem a troca e o debate de ideias, e também o ativismo na rede, em favor de causas sociais, políticas e culturais, as redes sociotécnicas constroem e aprofundam o sentido de cidadania de uma comunidade - o seu sentido crítico e democrático.

Para dar um exemplo, podemos dizer que são hoje os média digitais e as redes sociotécnicas que estão na origem daquilo a que tem sentido chamarmos de cidadania global, com a abertura de um espaço público e de uma opinião pública, desenvolvidos à escala planetária. Temos, com efeito, um espaço público e uma opinião pública conscientes do alastramento dos riscos globais, como as mudanças climáticas, o aquecimento global, o degelo dos glaciares e a intoxicação do planeta. E, por outro lado, existe igualmente a consciência dos desequilíbrios do planeta, designadamente o aprofundamento das injustiças, a desigualdade entre os povos e o flagelo da fome.

Em contrapartida, se tem sentido afirmar que na modernidade crescem as possibilidades de desenvolvimento humano, também tem sentido associar o atual funcionamento dos média à ideia de crise da modernidade. E por crise da modernidade, quero dizer, em grande parte, a crise dos Estados nacionais, ou seja, a crise da sua soberania, em favor de estruturas políticas e econômico-financeiras supranacionais, como são disso exemplo, o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional, e também, a Comunidade Europeia, no caso europeu, e o Mercosul, no caso dos países da América Latina

(Martins, 2008). A crise da modernidade está também associada ao espaço do controle, da violência e da dominação. Lembro, neste contexto, Marinetti (20 de fevereiro de 1909), que exaltou em *Le Manifeste du Futurisme* a velocidade da época. E uns anos mais tarde, não passou despercebida a Ernst Jünger (1930) a “mobilização total” deste tempo, assim como a Peter Sloterdijk (2000) o caráter “infinito” desta mobilização.

Por sua vez, o protagonismo das massas e da multidão foi analisado por Gustave le Bon, em *Psychologie des foules* (1895); por Gabriel de Tarde (1901), em *L'opinion et la foule*; e por Ortega y Gasset (1928), em *La rebelión de las masas*. Entretanto, Norbert Wiener (1948) far-nos-á saber, em *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*, que os sistemas de informação controlam os animais e as máquinas, controlando a comunicação. E George Orwell (1949/2012) explica-nos em *Nineteen Eighty-Four* o que é o totalitarismo (o “big brother”).

A crise da cultura e a crise do humano teve como consequência, entretanto, o desenvolvimento de um imaginário melancólico dos média, em que predominam as figuras trágicas, barrocas e grotescas, que assinalam o caráter incerto, enigmático e labiríntico da viagem humana (MARTINS, 2002b; 2011c).

2. A modernidade e as metamorfoses da cultura no Ocidente

A modernidade consiste, pois, numa alteração fundamental do nosso regime de civilização e de cultura, do século XVIII para cá, mas que se tem acentuado no último meio século, com a eclosão do computador, da Internet e do digital. O mito da palavra, fundado no princípio da analogia, produziu a cultura literária, a alta cultura, que é uma cultura de elites. Foram assim as três grandes tradições que fizeram o Ocidente: a greco-latina, a judaico-cristã e a islâmica. E foi este regime que nos conduziu à democracia, da Antiga Grécia a Montesquieu; que fundou as Universidades, entre os séculos XI e XIII; e os média, no século XVIII.

Mas com a eclosão dos novos meios tecnológicos dá-se a cultura de massas, que vai a par com a cultura das imagens, produzida por máquinas óticas, designadamente, pelo cinema, a televisão, o vídeo e o computador. Do princípio teleológico aristotélico e do princípio escatológico judaico-cristão, que comandam o *logos*, permitindo-nos caminhar para um fim, sendo esse fim libertador, passámos a ver-nos mobilizados tecnologicamente para as urgências do presente, que são sempre as exigências de uma qualquer competição, mercado, estatística, empreendedorismo, ranking.

Mas sem a promessa de um futuro, seja ela programa (um caminho para diante), prognóstico (um conhecimento para diante), prospetiva (um olhar para diante), proposição (um fazer para diante), propósito (uma intenção para diante), o nosso combate corre o risco de se esgotar numa guerra tribal de redes

sociotécnicas. E a tecnociência, que é autotélica, pode apresentar-se-nos, hoje, como toda a esperança que nos resta. No entender do imunologista português, António Coutinho (6 de junho de 2018), “A filosofia não é ciência e está fadada a desaparecer”; “... a singularidade está totalmente incluída na racionalidade”; a filosofia “nunca progride”; “nós [cientistas] temos um bom processo e eles [os filósofos] não têm”; “O objetivo da filosofia vai ser resolvido pela ciência, e a filosofia vai passar à história”. Neste contexto, a própria universidade passou a ter um imaginário melancólico (MARTINS, 2002a; 2017).

Ao fazer a translação da palavra para os números, a era tecnológica, do computador e do digital, desloca-nos do *logos* como instância soberana de decisão, para o *pathos*, ou seja, para a centralidade da imagem de produção tecnológica, o que significa a centralidade das emoções e das paixões, a centralidade da “ordem sensível” (MAFFESOLI, 1996) e da “ética da estética” (MAFFESOLI, 1990), ou no dizer de Mario Perniola (1993), a centralidade da “ordem sensológica”, que se impõe à “ordem ideológica”.

Em síntese, o regime da palavra, que é analógico, estando de acordo com um fundamento (o bom, o bem, o belo, o justo, o verdadeiro), ou reenviando para ele, é de natureza argumentativa, fazendo da viagem humana uma “passagem”, estando em concordância com a tradição judaico-cristã, e também com a tradição greco-latina. O regime analógico, que valoriza a palavra, valoriza, de igual modo, a conversação, o discurso, o pensamento e a ideia (o *logos*). O regime da palavra enaltece também os valores universais (o uno, o bom, o belo, o justo, o verdadeiro), assim como os conceitos e os raciocínios. Considera, ainda, a criatividade, como ideia, ensaio, estilo, autoria. Neste regime, o desenvolvimento e o crescimento são à escala humana; a instituição central é a escola; e os profissionais de referência são o professor, o padre, o advogado, o político. O regime analógico estriba-se, por outro lado, na mobilização para um futuro libertador, e também na inscrição numa história da salvação, entre uma Génesis e um Apocalipse. Este regime acentua o imaginário dramático, com as contradições a terem uma síntese redentora. Apoiar-se nos média, no espaço público e na opinião pública, como promessa de emancipação civil, o que quer dizer, como promessa de comunidade política e de utopia de comunidade pelo exercício de cidadania.

Por sua vez, o regime tecnológico, que é de natureza numérica, faz da viagem humana uma “travessia” (GUIMARÃES ROSA, 1956), como assinalai, ou seja, como uma viagem perigosa. Este novo regime valoriza o número, a medida, os ecrãs, o autotelismo da técnica. E enaltece, de igual modo, a tecnociência, com o método experimental e a evidência. Apoiar-se no valor de mercado, que tem uma natureza exclusivamente económico-financeira. O mercado passou, nos nossos dias, a constituir uma metáfora para toda a forma de vida. Mesmo na ciência e na cultura estamos sempre embarcados numa competição, num empreendedorismo qualquer, a trabalhar para a estatística. Por outro lado, o regime tecnológico reduz a criatividade à expressividade mobilizada tecnologicamente. Neste regime, o

desenvolvimento e o crescimento são meramente económico-financeiros; a empresa é a organização-chave; e o economista, o gestor, o engenheiro e o tecnocientista são os profissionais de referência. Com o regime tecnológico, o humano é mobilizado em permanência para as urgências do presente. E é valorizado o imaginário trágico, que nos coloca perante contradições, sem síntese redentora, com os média a remeterem-nos para uma comunidade sem utopia, para a tribo e a multidão, para as massas, o que quer dizer, com os média a inscreverem-nos na crise permanente da cultura e do humano.

À semelhança de Hölderlin, convocado por Heidegger (1988), em *Die Frage der Technik* [A Questão da Técnica], podemos dizer, todavia, que “Lá onde está o perigo também cresce o que salva”. E, com efeito, apesar do caos em que consistem os média digitais e as redes sociotécnicas, ou na expressão mais matizada de Carlos Alberto Scolari (2009, p. 586; 2013, p. 13), o “terreno semanticamente instável” que as caracteriza, é de assinalar a função instrumental e cognitiva que continuam a exercer. Embora misturando a arte de bem argumentar com a arte de fascinar, senão mesmo fazendo uma releitura contemporânea das figuras da retórica antiga, os média digitais e as redes sociotécnicas vivem do *look*, do *timing* (*kairos*), do *marketing*, do *branding* (a *griffe*), do *design*, dos *cartoons*, dos *emojis*, dos *memes*...

3. O Museu Virtual da Lusofonia

Concluo esta proposta de circum-navegação tecnológica, com algumas considerações sobre o barco que construímos para a travessia. O barco a que me refiro é o Museu Virtual da Lusofonia (MVL). Trata-se de um Museu que é apresentado no *site* www.museuvirtualdalusofonia.com como uma plataforma de cooperação académica, em ciência, ensino e artes, no espaço dos países de língua portuguesa e das suas diásporas, e que se estende também à Galiza, à Região Autónoma de Macau e a Goa, reunindo num esforço comum, universidades com projetos de investigação e de ensino pós-graduado na área das Ciências da Comunicação e dos Estudos Culturais, empresas da área da cultura, como é o caso de editoras, e também de empresas de produção de conteúdos audiovisuais e multimédia, e ainda associações culturais e artísticas, todos interessados, universidades, associações e empresas, na construção e no aprofundamento do sentido de uma comunidade lusófona.

O Museu Virtual da Lusofonia tem um carácter participativo. Sendo uma plataforma virtual, pretende também constituir-se como um instrumento de mediação para a participação ativa dos cidadãos na (re)construção de uma memória coletiva, pelo que os convida a disponibilizar registos e a comentar materiais preservados no Museu.

A natureza e os objetivos do Museu Virtual da Lusofonia encontram-se explicados no *site* (no menu, "Apresentação"). Mas são, sobretudo, o objeto principal de uma entrevista que dei à *Matrizes*, revista do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (Carvalho, 2019), e também da entrevista que concedi, em fevereiro de 2019, ao Programa "No Interior da Cultura", de Luís Caetano, na Antena 2 da Rádio de Serviço Público de Portugal. Na 1.ª parte desta última entrevista, transmitida a oito de fevereiro de 2019, debruço-me sobre os seguintes assuntos: a colonização; a lusofonia como identidade transcultural e transnacional; o Museu Virtual da Lusofonia, o interconhecimento e a cooperação no espaço da língua portuguesa; a estrutura do museu; a língua portuguesa como língua de culturas, de pensamento e de ciência; os equívocos da Lusofonia; as políticas científicas; o centro e a periferia (<https://www.rtp.pt/play/p5386/e388785/no-interior-da-cultura>). E, na 2.ª parte, transmitida a 15 de fevereiro, reflito sobre as possibilidades da lusofonia; a modernidade; a natureza das Ciências Sociais e Humanas; a missão do professor) (<https://www.rtp.pt/play/p5386/e389725/no-interior-da-cultura>).

O ponto de vista teórico adotado para o Museu Virtual da Lusofonia é o dos Estudos Culturais, particularmente os estudos pós-coloniais, e a perspectiva desenvolvida é a da Comunicação Intercultural.

3.1. O Museu Virtual da Lusofonia como museu da Web

O Museu Virtual da Lusofonia é um museu de arte e de cultura da Web, direcionado para o espaço da língua portuguesa. É um espaço virtual de mediação para a cooperação acadêmica, e também para a divulgação do património artístico e cultural lusófono, em que a tecnologia digital e os *Media Arts* são elementos preponderantes no acervo disponibilizado pelo Museu. Trata-se de um museu digital e de um museu lógico, no sentido computacional, que utiliza a comunicação, através de uma plataforma digital, como forma de envolver e dar a conhecer a memória histórica e o património arquitetónico e antropológico do espaço de língua portuguesa.

Em vários casos, os conteúdos do Museu Virtual da Lusofonia podem, desde a origem, ser considerados *Media Arts*, o que é comprovado pela mais de meia centena de exposições, produzidas e disponibilizadas no quadro do próprio projeto artístico do Museu. Neste sentido, enquanto instituição cultural e artística, o próprio Museu é um objeto artístico, com uma prática de curadoria e de realização, criando conteúdos, tanto de forma tradicional, como de forma virtual. Ao observamos o conteúdo produzido nas exposições, e especificamente o trabalho que é realizado em parceria com a equipa do Google, que virtualiza e

cria espaços artísticos puramente tecnológicos, verificamos que o Museu Virtual da Lusofonia é uma expressão singular de *Media Arts*.

Esta faceta singular do Museu Virtual da Lusofonia, como criação artística puramente tecnológica, tem tendência a desenvolver-se significativamente nos próximos anos, dada a circunstância de o Museu constituir, hoje, um "golden partner" do Google, como mediador do Google para o espaço de língua portuguesa, no que se refere a instituições artísticas e culturais, como museus e monumentos.

A finalizar este trabalho, gostaria ainda de assinalar que o trabalho de base do Museu Virtual da Lusofonia implica uma prática de curadoria. Até hoje, já foi realizada a curadoria de mais de 50 exposições, que compreendem artes plásticas, filmes, fotografias, paisagens, música e programas de rádio, de todos os países de língua portuguesa, e ainda, de regiões como a Galiza, Goa e Macau. Além do trabalho de curadoria exercido relativamente a exposições artísticas, o Museu é uma plataforma virtual que medeia o trabalho de artistas no universo da língua portuguesa. Atualmente, o Museu é o mediador de mais de duas dezenas de artistas, entre os quais os artistas plásticos moçambicanos, Malangatana e Timane, e os brasileiros, Emmanuel Nassar, pintor e desenhador, e Isabela Bretz, cantora.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Sur le pouvoir symbolique. *Annales*, 32(3), pp. 405-411, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.
- BRITO, Regina Pires de. *Língua e identidade no universo da lusofonia: aspectos de Timor-Leste e Moçambique*. São Paulo: Terracota, 2013.
- BRITO, Regina Pires de & MARTINS, Moisés de Lemos. Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português. *III Congresso da Sopcom*. UBI: Covilhã, 2004. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/1005>
- CARVALHO, Carlos Alberto. Moisés de Lemos Martins: "o português é uma língua não só de comunicação, mas também de culturas, pensamento e conhecimento" [entrevista]. *Matrizes*, 13 (1), pp. 93-106, 2019. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p93-106>
- CARVALHO, Joaquim Barradas de. *Portugal e as Origens do Pensamento Moderno*. Lisboa: Livro Horizonte, 1981.
- CORTE-REAL, Benjamim A. & BRITO, Regina Pires de. Aspectos da política linguística de Timor-Leste: desvendando contracorrentes. In: MARTINS, Moisés de Lemos, et al. (Org.). *Comunicação e lusofonia*. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 123-132.
- COUTINHO, António. Filosofia não é ciência e está fadada a desaparecer. *Folha de São Paulo*, entrevista conduzida por Alberto Nóbrega e Cristina Caldas, 6 de junho de 2018.

Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/06/filosofia-nao-e-ciencia-e-esta-fadada-a-desaparecer-afirma-pesquisador.shtml>

CROWLEY, Roger. *Conquerors. How Portugal forged the first global Empire*. London: Faber & Faber, 2015.

FINO, Carlos. *Raízes do estranhamento: A (in)comunicação Portugal-Brasil*. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação. Universidade do Minho, 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/61810>

GUIMARÃES ROSA, João. *O Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (1.ª ed. 1956).

HEIDEGGER, Martin. La question de la technique. In *Essais et conférences* (pp. 9-48). Paris: Gallimard, 1988 (1.ª ed. 1954).

HUGON, Stéphane. *Circumnavigations. L'Imaginaire du voyage dans l'expérience Internet*. Paris: CNRS Éditions, 2010.

JÜNGER, Ernst. *La mobilisation totale*. In *L'Etat Universel - suivi de La mobilisation totale*. Paris: Gallimard, 1990 (1.ª ed. 1930).

LE BON, Gustav. *Psychologie des foules*. Paris: Les Presses Universitaire de France, 2002 (1.ª ed. 1895).

LEITÃO, Henrique. *Os Descobrimentos Portugueses e a Ciência Europeia*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2009.

LEITÃO, Henrique & GASPAR, Joaquim Alves. Squaring the Circle: How Mercator Constructed His Projection in 1569. *Imago Mundi*, 66, pp. 1-24, 2014a.

LEITÃO, Henrique & GASPAR, Joaquim Alves. Globes, rhumb tables and the pre-history of the Mercator projection. *Imago Mundi*, 66, pp. 180-195, 2014b.

LEITÃO, Henrique & SÁNCHEZ, Antonio. Zinsel's Thesis, Maritime Culture, and Iberian Science in Early Modern Europe. *Journal of the History of Ideas*, 78 (2), pp. 191-210, 2017. Disponível em <https://muse.jhu.edu/article/652822/pdf>

MAFFESOLI, Michel. *Éloge de la raison sensible*. Paris: Grasset, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *Au creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique*. Paris: La Table Ronde, 1990.

MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001.

MARINETTI, Filippo Tommaso. *Le Manifeste du Futurisme*. *Le Figaro*, le 20 février 1909.

MARTINS, Moisés de Lemos. Tecnologia e literatura: as narrativas transmediáticas. *Letras de Hoje*, 55(1) - Qual é a amplitude da literatura quando a palavra literária se espalha pelas artes?, pp. 4-13, 2020. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2020.1.34786> Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/65198>

MARTINS, Moisés de Lemos. A "crise dos refugiados" na Europa - entre totalidade e infinito. *Comunicação e Sociedade*, vol. Especial 2019, pp. 21-36, 2019. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.0\(2019\).3058](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.0(2019).3058)

MARTINS, Moisés de Lemos. Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica. *Comunicação e Sociedade*, 34, pp. 87-101, 2018ª. DOI: 10.17231/comsoc.34(2018).2937. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/57437>

MARTINS, Moisés de Lemos. A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Letrônica - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS*, 11(1), pp. 3-11, 2018b. DOI:10.15448/1984-4301.2018.1.30438

MARTINS, Moisés de Lemos. Communication studies cartography in the Lusophony world. *Media, Culture & Society*, 40(3), pp. 458-463, 2018c. DOI: 10.1177/0163443717752812

MARTINS, Moisés de Lemos. Comunicação da ciência, acesso aberto do conhecimento e repositórios digitais. O futuro das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas. In MARTINS, Moisés de Lemos (Org.), *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas - O caso das Ciências da Comunicação* (pp. 19-58). Famacão: Húmus/CECS, 2017a. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/51039>

MARTINS, Moisés de Lemos. A cultura na era da mobilização do humano pela tecnologia. Da universidade das ideias à universidade dos números. In SIDONCHA, Urbano & MOURA, Catarina (Orgs.), *Metamorfoses da cultura* (pp. 157-178). Lisboa: Nova Vega, 2017b.

MARTINS, Moisés de Lemos. (2015a). Média digitais e lusofonia. In M. L. MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.). *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia* (pp. 27- 56). Famacão: Húmus. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/39698>

MARTINS, Moisés de Lemos. Os média na contemporaneidade: Da promessa de emancipação histórica à sua ruína. In LEDO, Margarida & LOPES, Immacolata (Org.) *Comunicación, Cultura e Esferas de Poder* (pp. 19-44) São Paulo: USP/USC/AssIBERCOM/AGACOM, 2015b. ISBN (papel): 978 85 7205 130 9. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/35292>

MARTINS, Moisés de Lemos. Língua Portuguesa, globalização e lusofonia. In BASTOS, Neusa Maria (Org.). *Língua Portuguesa e Lusofonia* (pp. 15-33). São Paulo, EDUC - IP-PUC, 2014. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/29178>

MARTINS, Moisés de Lemos. Média digitais: hibridez, interactividade, multimodalidade. *Revista de Comunicação e Linguagens*. V. 43-44, pp. 49-60, 2012.

MARTINS, Moisés de Lemos. *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para as Telas*. São Paulo: Annablume, 2011a. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/29167>

MARTINS, Moisés de Lemos. O que podem as imagens. Trajeto do uno ao múltiplo. In MARTINS, Moisés de Lemos, et al. (Ed.) *Imagem e pensamento* (pp. 129-135). Grácio Editor/CECS, 2011b. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/29165>

MARTINS, Moisés de Lemos. Media e melancolia: o trágico, o grotesco e o barroco. In: ACCIAIUOLI, Margarida & BABO, Maria Augusta (Org.). *Arte e Melancolia* (I, pp. 53-65). Lisboa: Instituto de História da Arte/ Estudos de Arte Contemporânea e CECL, 2011c. Disponível em <https://hdl.handle.net/1822/24106>

MARTINS, Moisés de Lemos. A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins. In: ÁLVARES, Cláudia & DAMÁSIO, Manuel (Org.). *Teorias e Práticas dos Media: Situando o Local no Global* (pp. 267-275) Lisboa: Edições Lusófonas, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24250>

MARTINS, Moisés de Lemos. Do funcionamento dos média à crise da modernidade: o espaço público e os seus simulacros. In RAMOS, Murilo César & DEL BIANCO, Nélia (Org.), *Estado e Comunicação*. Intercom: UnB - Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/25369>

MARTINS, Moisés de Lemos. *Ensino Superior e Melancolia*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2002a. Oração de Sapiência. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1288>

- MARTINS, Moisés de Lemos. O trágico na modernidade. *Interact - Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia*, n. 5. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem, 2002b. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1087>
- MARTINS, Moisés de Lemos et al. (Eds.). *Imagem e Pensamento*. Coimbra: Grácio Editor, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/29165>
- MARTINS, Moisés de Lemos; SARMENTO, João & COSTA, Alda (Eds.). Museus, coleções e exposições, coloniais, anticoloniais e pós-coloniais (Colonial, anticolonial and post-colonial museums, collections and exhibitions), 7(2) - 2020 | CECS - Universidade do Minho. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/issue/view/151>
- MORA, Bernardo & LEITÃO, Henrique. *Francisco de Melo: Obras Matemáticas*. Vol. I: Texto Latino e Tradução. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos e Biblioteca Nacional de Portugal, 2014.
- ORTEGA Y GASSET, José. *La rebelión de las masas*. Espasa Calpe, 2009 (1.ª ed. 1930).
- ORWELL, George. *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. Trad. Ana Luísa Faria. Lisboa: Antígona, 2012 (1.ª ed. 1949).
- PAGE, Martin. *The First Global Village: How Portugal Changed the World*. Lisboa: Casa das Letras, 2002.
- PERNIOLA, Mario. *Do sentir*. Lisboa: Presença, 1993 (1.ª ed. 1991).
- RUSSELL-WOOD, A. G. R. *The Portuguese Empire, 1415-1808. A World on the Move*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- SCOLARI, Carlos Alberto. Transmedia Storytelling. Implicit consumers, narrative worlds, and branding in contemporary media production. *International Journal of Communication*, 3, pp. 586-606, 2009.
- SCOLARI, Carlos Alberto. *Narrativas Transmedia: Cuando todos los medios cuentan*. Barcelona: Deusto, 2013.
- SLOTERDIJK, Peter. *La mobilisation infinie*. Paris: Éd. Christian Bourgois, 2000.
- TARDE, Gabriel. *L'opinion et la foule*. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1989 (1.ª ed. 1901).
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- VIRILIO, Paul. Entretien avec Paul Virilio. *Le Monde Diplomatique*, 294, pp. 135-138, 2001.
- WIENER, Norbert. *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*. The MIT Press, 1961 (1.ª ed. 1948).

Sites

- Museu Virtual da Lusofonia: www.museuvirtualdalusofonia.com
- Museu Virtual da Lusofonia: *Google Arts and Culture*. <https://artsandculture.google.com/partner/virtual-museum-of-lusophony>
- Projeto FCT/Aga Khan: "CulturesPast&Present - Memories, cultures and identities: how the past weights on the present-day intercultural relations in Mozambique and Portugal?" <http://www.lasics.uminho.pt/culturespastandpresent/?lang=pt>